



## MEMÓRIA DO TRABALHO DOMICILIAR E GÊNERO

Ana Elizabeth Santos Alves<sup>1</sup> (UESB)  
Tânia Rocha Andrade Cunha<sup>2</sup> (UESB)

O trabalho a domicílio é uma atividade exercida no espaço doméstico, de modo autônomo, quando o produto é diretamente comercializado com os compradores, assumindo uma forma de trabalho artesanal; diferentemente, também pode ser compreendido como um trabalho remunerado encomendado por terceiros, referente a uma parte de um determinado produto que vai ser montado em outro local.

Quando a atividade é realizada por conta própria com o objetivo de produzir um bem diretamente para quem necessita consumi-lo, o trabalhador tem autonomia para decidir o que produzir, como produzi-lo, quando e a que ritmo. Neste caso, o trabalho é exercido de modo independente, sem regime de subcontratação por empresas, e o trabalhador é proprietário dos seus próprios instrumentos de trabalho. Podemos encontrar nesse grupo tanto trabalhadores de baixa renda, a exemplo de costureiras e pequenos artesãos, que exercem atividades informais, quanto profissionais liberais, pessoas de maior poder aquisitivo, altamente qualificadas. Quando a atividade é desenvolvida segundo o contrato de terceiros, produzindo parte de um produto ou mesmo um produto final é classificado como dependente a determinações externas, caracterizado como trabalho industrial a domicílio. (POTENGY e PAIVA, 1999; SILVA, 1997).

Nos primórdios da Revolução Industrial o trabalho a domicílio era encontrado em vários espaços da organização da produção. Marx definiu a indústria a domicílio como aquela que “é exercida nas residências dos trabalhadores ou em pequenas oficinas e que se converte na seção externa da fábrica, da manufatura ou do estabelecimento comercial.” (BRUSCHINI e RIDENTI, 1993, p. 83).

Agentes do empresário capitalista distribuíam entre trabalhadores partes ou etapas da produção de um artigo, estipulando o prazo de conclusão. Nesse processo, muitas vezes fazia-se necessário o envolvimento de todos os membros da família, sujeitos a intensas jornadas irregulares de trabalho. No Brasil, Matos (2002) lembra o desenvolvimento do trabalho fabril nas cidades de Santos e São Paulo, entre 1890 e 1930, e destaca a importante contribuição das oficinas

---

1 Professora e pesquisadora do Museu Pedagógico da UESB. e-mail: ana\_alves183@hotmail.com

2 Professora e pesquisadora do Museu Pedagógico da UESB. e-mail: rochandrade@uol.com.br



domiciliares para as indústrias de sacaria de café, tendo o universo de artesãos dessas unidades na sua maioria composto por mulheres.

O fato das atividades exercidas em domicílio proporcionarem, de certa forma, liberdade de ritmo e de horário de trabalho, e poder ser realizada concomitante com as ocupações do lar e da maternidade, favorecem a participação das mulheres. O lugar da mulher, sobretudo das casadas, responsável pelas tarefas reprodutivas e pela organização da família, contribui para o seu envolvimento em atividades flexíveis, sazonais e informais utilizadas pelas indústrias como também na produção de mercadorias que abastecem pequenos comércios e oficinas artesanais.

Tomando o trabalho domiciliar sob uma perspectiva de gênero e interpretando-o como uma prática feminina, podemos observar que a produção dos meios de vida e a reprodução da vida são desenvolvidas no mesmo lugar, ou seja, o trabalho remunerado e o não-remunerado realizado na esfera doméstica são dimensões do trabalho social que articulam produção e reprodução com a lógica da produção capitalista. Ao vincularmos esses dois elementos (produção e reprodução) com a história pessoal e social de trabalhadores e trabalhadoras abre-se um espaço para compreendermos, por exemplo, a construção social dos sexos por meio de práticas masculinizantes ou feminizantes que esperam dos homens “força física” e das mulheres “delicadeza”; igualmente, a construção da ideologia de que existem “trabalhos de homem” e “trabalhos de mulher” e a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e às mulheres à esfera reprodutiva. (SORJ, 2004; SOUZA LOBO, 1991).

A memória do trabalho domiciliar não pode ficar indiferente ao fato de que a divisão sexual do trabalho foi historicamente construída e adaptada a cada sociedade. Estudos históricos e antropológicos demonstram que em contextos culturais diferentes, uma mesma tarefa que em uma dada sociedade ou ramo industrial é especificamente feminina, em outros espaços pode ser considerada masculina. (KERGOAT, 2009, p. 68).

Quando o trabalho produtivo e o reprodutivo eram desenvolvidos no mesmo espaço, modelo encontrado em sociedades pré-capitalistas e início do processo de industrialização, era comum o envolvimento de homens e mulheres no exercício das tarefas, uma vez que não havia separação entre esfera privada e esfera pública. Com o crescimento dos centros urbanos e a expansão da sociedade industrial, o trabalho produtivo passou a ser exercido no espaço público, separando-se da vida doméstica. Nesse contexto, disseminou-se a idéia de que o lugar da mulher era o lar, ficando sob sua responsabilidade o cuidado dos filhos e do marido; em que pese um grande número de



mulheres das classes menos favorecidas integrarem a produção social, principalmente após a introdução da maquinaria.

Para ilustrar as questões relacionadas acima, este trabalho analisa a memória do trabalho domiciliar realizado pelas mulheres nas oficinas de ferreiros, latoeiros e de couro na cidade de Rio de Contas, BA, no período de 1950 a 1951, narrada no estudo de comunidade desenvolvido pelo antropólogo Marvin Harris (1956)<sup>3</sup>.

### *Sobre Marvin Harris*

O antropólogo americano Marvin Harris era professor da Universidade de Columbia nos Estados Unidos, autor de várias publicações. Entre 1950 e 1951, quando ainda doutorando, realizou um estudo de comunidade no município de Rio de Contas (antigo Minas Velhas ou Minas de Rio de Contas)<sup>4</sup>, BA, cujo resultado está materializado no estudo monográfico “*Town & Country in Brazil.*” (Cidade e Campo no Brasil). Essa pesquisa fez parte do Programa de Pesquisas Sociais Estado da Bahia em convênio com a Universidade de Columbia, idealizada por Anísio Teixeira durante o governo de Octávio Mangabeira, em meados dos anos de 1940, tendo como coordenador o Dr. Thales de Azevedo. O objetivo do programa era conhecer a realidade do Estado a fim de observar as mudanças que ali se anunciavam com as transformações oriundas do fim da Segunda Guerra mundial, dentre as quais, o processo de redemocratização do país e as mudanças econômicas oriundas da implantação da segunda industrialização.

A preocupação central do projeto era resgatar por meio da diversidade de cada uma das regiões, a realidade local, a história e as razões responsáveis em termos econômicos por essa diferenciação, tendo a categoria desenvolvimento como chave na análise. Para por em prática as ações do Programa foram escolhidas três áreas diferentes do estado: São Francisco do Conde, no Recôncavo baiano; Feira de Santana, porta de entrada dos sertões do norte; e Rio de Contas, na Chapada Diamantina e em cada uma dessas regiões selecionaram duas comunidades: uma

---

3 Este trabalho é um recorte do projeto de pesquisa “REVISITANDO O “PROGRAMA DE PESQUISAS SOCIAIS ESTADO DA BAHIA – COLUMBIA UNIVERSITY” que está sendo desenvolvido por um grupo de professores-pesquisadores do Museu Pedagógico da UESB, da UNEB, PUC-SP e UNICAMP, cujo um dos seus objetivos específicos é revisar a literatura que deu origem ao Projeto Columbia, bem como a resultante das suas pesquisas.

4 O município de Rio de Contas, BA (antigo Minas do Rio de Contas) está situado a 662 km de Salvador. Escravos alforriados foram os seus primeiros habitantes instalados à margem direita do Rio de Contas, formando um povoado. Estes primeiros moradores cuidavam de currais e plantações. Com a chegada dos Bandeirantes paulistas e portugueses começaram na região a exploração do ouro no século XVIII, atraindo mais pessoas. Rico em ouro de aluvião, o município viveu na segunda metade do século XVIII uma época de grande prosperidade econômica. A decadência do ouro por volta de 1800 acabou com toda a prosperidade, decaiu já por volta de 1800 com esgotamento do ouro. (PEREIRA, 1940). O que ficou da prosperidade do ouro foram os casarões em estilo colonial, hoje tombados pelo patrimônio histórico.



representando o pólo da tradição e a outra representando a mudança, o progresso<sup>5</sup>. (CONSORTE, 1999; 2005).

Os estudos das regiões foram realizados segundo o método de pesquisa “estudos de comunidade”, presente no Brasil nas décadas de 40 e 50 do século passado. Os estudos de comunidade surgiram naquele momento como um método inovador, permitindo “a investigação de pedaços da sociedade - as comunidades - como se fossem aldeias indígenas, utilizando métodos de observação participante, documentação censitária, histórias de vida, entrevistas dirigidas, o estudo das manifestações culturais à análise de seu substrato social e econômico”. (DURHAM, 2004, p. 21)

### *A memória do trabalho domiciliar segundo Marvin Harris*

Marvin Harris (1956), como já relatamos anteriormente, desenvolveu o seu estudo na cidade de Rio de Contas, considerada pelos pesquisadores como uma comunidade tradicional, conhecida e retratada pelo autor como Minas Velha. Os resultados da pesquisa, publicados em livro, trazem uma descrição detalhada sobre o dia-a-dia de homens e mulheres desse município, entre os meses de julho do ano de 1950 até junho de 1951, período em que passou por lá com as estudantes brasileiras, auxiliares de pesquisa, Josildeth Consorte e Maria Raimunda Macedo (CONSORTE, 1999; 2005). No sumário do livro<sup>6</sup>, o autor divide a pesquisa em sete capítulos: 1) Localização, ambiente e história; 2) Economia; 3) Classe e raça; 4) A família e o indivíduo; 5) Governo e a política; 6) Religião; 7) Folclore. Dentre os capítulos elencados, selecionamos para análise o primeiro, o segundo e o quarto, enfocando as questões ligadas ao Trabalho e Gênero, a partir das narrações que o autor faz sobre as formas de organização das atividades domésticas e produtivas.

Harris descreve o apogeu da exploração do ouro na região no século XVIII e explica que com a queda dessa atividade a população passou a trabalhar na fabricação de jóias em ouro e em prata, de peças de metal, de couro, de selas, de facas e mais tarde (próxima a época da pesquisa) em fábricas de sapatos, botas e sandálias. Essas atividades eram desenvolvidas em oficinas localizadas

---

5 Além de Marvin Harris, participaram também do Programa mais dois doutorandos (Harry W. Hutchinson e Benjamim Zimmerman) da Universidade de Columbia, todos acompanhados pelo professor orientador Charles Wagley.

6 O livro foi publicado nos Estados Unidos, mas podem ser encontrados exemplares em bibliotecas. O exemplar utilizado por nós foi rastreado no Arquivo municipal de Rio de Contas pelo professor Itamar Aguiar e contém a seguinte dedicatória de Harris: “Este livro foi escrito através da ajuda do povo de Rio de Contas. Nunca vou esquecer os meus amigos Rio Contenses”. Dois primeiros capítulos do livro foram traduzidos pelo pesquisador Simon Mayo (s/d), cujo texto manuscrito foi encontrado no Arquivo de Rio de Contas. Para os outros capítulos realizamos traduções livres das partes que interessavam à nossa pesquisa. As páginas indicadas nas citações destacadas neste artigo são do texto original.



nas residências, confundindo espaço de trabalho e moradia familiar, ou, no mesmo espaço onde funcionava outra atividade comercial ou ainda, em prédios construídos para o próprio negócio, demonstrando a diversidade de modos de organização do trabalho: formas pré-capitalistas, economia de subsistência e traços dos processos de trabalho moderno. As atividades nessas oficinas eram realizadas de modo distinto pelos membros das famílias dos proprietários (mulheres, noras, filhos, filhas) e empregados; a aprendizagem dos ofícios ocorria no próprio local de trabalho pela imitação e experimentação.

Nas observações do autor sobre o dia-a-dia da cidade, o trabalho doméstico é retratado como uma intensa atividade das mulheres. Ao longo da história essas atividades são reconhecidas como de inteira responsabilidade delas, reafirmando o espaço privado, doméstico, como natural a elas, determinado pelas necessidades da maternidade e pelos atributos femininos, independente da situação social, da posição na família e se a mulher trabalha ou não, fora do lar. O trabalho doméstico realizado pela dona-de-casa, no seio da família, não é considerado como trabalho produtivo. É computado pelas estatísticas como inatividade econômica, trabalho não-remunerado. (ABREU e SORJ, 1993).

Na origem da formação de homens e de mulheres há diferentes fatores de ordem econômica, social, política, étnica e cultural que contribuem para moldar a construção social de gênero e delegar às mulheres o espaço doméstico. Os relatos apresentados por Harris (p. 157) ilustram esta afirmativa ao descrever o cotidiano das crianças na cidade

(...) Quando os meninos não estão na escola, geralmente ficam vadiando, jogando, nadando nos rios, caçando pássaros, com uma liberdade de se expressar de tal forma que não poderia ser comparada a vivência de suas irmãs ou dos seus primos que vivem na 'cidade grande' (...).

(...) As meninas são mais tencionadas a compreender o serviço doméstico. (...)

Homens e mulheres são idealizados e modelados como diferentes antes mesmo do nascimento. Ao nascer, salvo condições especiais, o sexo é claramente definido pela evidência das características sexuais primárias da criança. Ser homem ou ser mulher é agir de acordo com o que as pessoas em sociedade acreditam ser próprio do homem e próprio da mulher, pouco ou nada tem a ver com a natureza biológica e a fisiologia de cada corpo. Mas é sobre esse corpo – com um sexo definido biologicamente - que são fixados os atributos de gênero. Estes atributos construídos pela sociedade são reconhecidos como parte da natureza do homem (decididos, fortes, corajosos, pouco emotivos) e da mulher (frágeis, dóceis, sensíveis, emotivas). Assim, é importante distinguir sexo de gênero. Cada ser humano nasce com um sexo geneticamente definido, o gênero, porém, não faz parte do seu capital genético e sim de sua bagagem sócio-cultural, política e histórica, a exemplo da



cor do enxoval: azul do menino e rosa da menina, trabalho produtivo/remunerado do homem e trabalho doméstico da mulher (SCOTT, 1989).

Trechos do livro ilustram os nossos argumentos em relação ao desenvolvimento do trabalho doméstico realizado pelas mulheres na cidade. (HARRIS, 1956, p. 39-41).

(...) os primeiros raios do sol da manhã, a cidade começa se mover, se bem que ninguém pensaria em sair na rua antes que tivesse clareado bem. As primeiras pessoas a sair são as mulheres e moças, vindo trazer água. Água para beber se carrega na cabeça em velhas latas de querosene ou jarras de barro. Enquanto uma mulher está trazendo água, outra da mesma família está preparando o fogo. Ao mesmo tempo em vários domicílios se ouve o esmagamento de café ...

Das casas mais pobres caminham ativamente grupos de mulheres carregando facões e machados para os gerais em busca de lenha....

(...) a sogra do dono do bar está sentada na porta do bar, costurando renda (...) os netos estão olhando enquanto a sua filha está cortando couro em faixas para a fábrica de sandálias.

(...) no bar, o filho do dono está jogando bilhar ....O próprio dono do bar (...) está jogando damas (...) . Enquanto isso, em cem casas diferentes, mulheres e moças estão costurando, tricotando, fazendo crochê, costurando renda, passando roupa e cozinhando.

Como já dissemos, a responsabilidade das atribuições domésticas e familiares fica a cargo das mulheres. Não podemos analisar o trabalho produtivo das mulheres no espaço do domicílio sem associar essa atividade com as tarefas de cuidar da casa, do marido e dos filhos. As observações de Harris retratam a intensa atividade na rotina dos afazeres domésticos, inclusive no desenvolvimento de tarefas consideradas pesadas e difíceis para os dias de hoje, nos fazendo lembrar o trabalho de mulheres nas plantações de cana-de-açúcar, e o de tirar lenha na mata, portando um facão. Vale ressaltar que Rio de Contas naquela época era muito atrasada tecnologicamente, na cidade não havia máquinas, as ferramentas eram improvisadas e as mercadorias eram transportadas em tropas de mula.

As atividades domésticas estão em conexão com o trabalho produtivo, interpenetrando o público e o privado e envolvendo, muitas vezes, todos os membros da família, confundindo unidade doméstica com unidade básica de produção na confecção de bens e serviços necessários à sobrevivência do grupo, conforme também confirmou Bruschini e Ridenti, (1993) nas suas pesquisas. O espaço familiar além de servir de centro para os relacionamentos sexuais, a reprodução do grupo, cuidados com os filhos e a alimentação, assumia também a função de unidade produtiva.

Discorrendo sobre a relação entre produção e reprodução Sorj (2004) lembra que o trabalho remunerado e o não-remunerado são duas dimensões do trabalho social que estão intimamente ligadas. Constatar esse fato, revendo as categorias que tratam do tema, é uma das contribuições dos estudos feministas e de gênero, quando explicam que o trabalho não-remunerado é realizado, em grande parte, pelas mulheres, na esfera privada. Até então, prevalecia a noção de que a produção para o mercado e o trabalho doméstico eram regidos por diferentes princípios, em que as regras do



mercado aplicar-se-iam à produção, enquanto o trabalho doméstico seria "um dote natural que as mulheres aportam ao casamento em troca do seu sustento" (idem, p.107).

Essa relação entre família/trabalho é observada desde as raízes da organização do trabalho industrial nos séculos XVI e XVII na Europa. Marido, mulher e filhos, em geral, trabalhavam juntos na própria casa, fazendo uso de técnicas rudimentares para fabricação de variados artigos. Esse tipo de atividade fazia parte de um contexto econômico mais amplo, no qual estavam presentes unidades camponesas de produção ao lado do artesanato urbano. Em Rio de Contas, as unidades de produção encontravam-se em semelhante situação. Quando Harris descreve o cotidiano dos moradores desde o início do dia, identificamos um modelo de economia de subsistência pré-capitalista com uma precária divisão social do trabalho e uma circulação limitada de mercadorias.

(...) Logo (pela manhã) se acendem o fogão e os foles começam laboriosamente assoprar O barulho do martelo ressoa de numerosas oficinas de ferreiro. (HARRIS, p. 39).

(...) as portas das oficinas de artesanato de couro são abertas e os trabalhadores tomam os seus lugares em banco ou mesa. Os artesões de Rio de Contas começam cedo a moer, cortar, colar, tesourar, costurar, martelar e limar. (idem).

A cidade possuía quatro tipos de ofícios artesanais de metal: ferreiro, latoeiro, funileiro e ourives. Quarenta pequenas fábricas que produziam artigos de latão, níquel, estanho, ouro, prata, ferro e couro. No que diz respeito à divisão do trabalho nas oficinas, a maioria (um terço de latoeiros e ferreiros trabalha sozinho, sem assistentes) funcionava com a participação de aprendizes, empregados, esposas ou crianças, conforme explica o autor (HARRIS, p. 53).

Há apenas oito empregados em toda a indústria de metais. (...) Aquelas oficinas que tem trabalhadores além do dono, geralmente apresentam uma divisão de trabalho. Um homem prepara os moldes, uma criança dirige o fole, a esposa e um filho limam e pólen.

O número de auxiliares fora do círculo familiar é reduzido. A oficina instalada nas próprias casas garante a participação das mulheres, acumulando o trabalho com os afazeres domésticos. Os tempos de trabalho remunerado, não remunerado e lazer são superpostos no mesmo ambiente. Prost (1992) relata que na França do início do século XX, muitas famílias das classes populares mantinham trabalho e vida privada totalmente integrados, a exemplo do trabalho das costureiras que exerciam essa atividade em casa e a mesa em que elas cortavam a costura era a mesma das refeições bem como era utilizada pelos filhos para fazer as tarefas escolares. Nesse mesmo espaço os fregueses eram recebidos para experimentar as roupas, pagar, etc. O autor lembra ainda que para muitos camponeses, comerciantes e artesãos, a família representa uma unidade de produção autônoma, uma célula econômica. No campo é comum o envolvimento de toda a família no trabalho, inclusive crianças e velhos, realçando aqui, importância econômica do trabalho da mulher para a família.



No Brasil, entre o final do século XIX e início do século XX era comum encontrar na cidade de São Paulo, a produção de artesanato em pequenas oficinas caseiras ocupando algum cômodo da casa ou fundo de quintal, gerenciadas por emigrantes portugueses, atuando como carpinteiros, ferreiros, ourives, sapateiros, auxiliados pelo grupo familiar. (MATOS, 2002).

Em Rio de Contas, as crianças eram introduzidas como aprendizes e utilizadas como ajudantes desde pequenas, possibilitando o aprendizado do ofício, levando-nos a intuir que eram exploradas por excesso da carga horária de trabalho.

(...) aprendizes trabalham por um período de até seis ou 12 meses de serviço sem receber remuneração, dependendo da idade e facilidade de aprender. Geralmente trabalhavam os primos ou sobrinhos do dono da oficina (...). (HARRIS, p. 53)

No que diz respeito aos rendimentos dos trabalhos desenvolvidos, os auxiliares

(...) recebem o seu dinheiro na forma de um terço ou quarto da peça pela venda do artigo que produzem ou que na cuja fabricação eles ajudam. (HARRIS, p. 53 )

(...) Quando se trata de membros do mesmo domicílio, os rendimentos são juntados e administrados pelo chefe da família. (idem)

Nesse caso, a mulher passa a ser empregada do homem, fato já evidenciado por Marx e Engels (2007, p. 36) quando explica que a primeira forma de propriedade está constituída na família na qual “a mulher e os filhos são escravos do homem.”

Harris relata a existência de uma oficina liderada por mulher:

(...) Há uma oficina de latoeiro em que todos os homens da família foram embora para buscar emprego em São Paulo, e a oficina é dirigida exclusivamente por mulheres. A chefe da oficina é Ligia, uma viúva de meia-idade que aprendeu a arte com o marido. Ela prepara os moldes para a fabricação de rédeas e estribos. Uma filha e uma nora fundem e despejam o metal. Vários netos estão sempre prontos a dirigir o fole quando necessário. Cada processo pode ser realizado por uma pessoa. (HARRIS, p. 53)

É muito comum no Nordeste, até os dias de hoje, nas pequenas cidades pobres do interior e da zona rural, os homens deixarem a sua cidade natal para buscar oportunidades de trabalho em São Paulo e ficarem por lá, pelo resto da vida. Essa realidade desconstrói o princípio que separa a existência de trabalhos de homens e trabalhos mulheres, legitimados pela ideologia naturalista, como nos alerta SOUZA LOBO (1991, p. 152), que atesta a tradição de masculinização e feminização de profissões e tarefas, constituindo às vezes por extensão em práticas masculinas e femininas: “homens fazem trabalhos que exigem força, mulheres fazem trabalhos que reproduzem tarefas domésticas”. O que de fato existe é uma construção social de práticas e relações de trabalho justificada pelo discurso comum da divisão sexual do trabalho. A ambigüidade da sociedade ocidental pode também ser ilustrada na incorporação das mulheres em diversas funções, antes só exercidas por homens no período das guerras mundiais.



Outro ofício que também era desenvolvido em Rio de Contas era o artesanato de couro. As oficinas fabricavam selas, estribos, arreios, sapatos, botas, sandálias, bainhas de faca e chicotes. Harris descreve em detalhes a organização do trabalho nessas oficinas, a título de exemplo destacamos alguns modelos retratados pelo autor.

Uma das oficinas que produz somente sandálias pertence ao dono de um bar que não trabalha na produção. A oficina ocupa alguns cômodos ao lado desse estabelecimento, nela trabalham a esposa, no corte e costura do couro e um empregado no corte das solas e na montagem do produto final. Outra oficina fabrica sapatos e sandálias. O proprietário e cinco empregados cortam as solas em uma sala e em outra, a esposa e filhas cortam e costuram o couro com máquinas de costura. Uma terceira oficina produz arreios, funciona também no domicílio e conta com a ajuda de mão-de-obra de pessoas que trabalham em suas próprias residências. O único trabalhador que permanece nessa empresa é o proprietário que “(...) fornece matéria-prima e paga salário, peça por peça, a seis empregados, inclusive de um filho, uma nora, duas moças, um rapaz. Essas pessoas aparecem na própria oficina só quando necessitam de matéria-prima ou quando tem artigos completos a entregar.” (HARRIS, p.54-56).<sup>7</sup>

No que diz respeito à divisão do trabalho, as oficinas de couro em Rio de Contas diferenciam das de metal pelo fato de ser um ofício mais desenvolvido do ponto de vista organizacional e tecnológico, já demonstrando um visível desenvolvimento capitalista, além de envolver mão-de-obra de auxiliares que trabalham em suas próprias casas.

Harris afirma que o trabalho praticado no espaço doméstico em Rio de Contas por pequenos produtores, estava, por um lado, fortemente relacionado à vida familiar, envolvendo o marido, a mulher, filhos, outros membros da família e mais empregados, exercido de modo autônomo, pois o produto era diretamente comercializado com os compradores, assumindo uma forma de trabalho artesanal; por outro, como uma forma de trabalho remunerado encomendado por terceiros, parte de um determinado produto que vai ser montado em outro local. Em todas as formas de atividade é evidenciada a inserção da mão-de-obra feminina. Assim, o trabalho remunerado, não-remunerado e o não-trabalho dividem o mesmo espaço na vida das famílias.

---

<sup>7</sup> Além das oficinas que atuavam em domicílio, Harris aponta a existência de uma unidade produtiva bem mais desenvolvida que todas as citadas, afora funcionar em prédio construído para este fim.



## REFERÊNCIAS

- ABREU, Alice R. P.; SORJ, B. (org). O trabalho invisível: estudos sobre trabalhadores a domicílio no Brasil. R.J.: Rio Fundo, 1993.
- BRUSCHI, M. Cristina A. e RIDENTI, Sandra. Desvendando o oculto: Família e Trabalho. In: ABREU, Alice R. P.; SORJ, B. (org). O trabalho invisível: estudos sobre trabalhadores a domicílio no Brasil. R.J.: Rio Fundo, 1993. p. 83-125.
- CONSORTE, J. Lembrando Costa Pinto: memória das ciências sociais no Brasil. In: MAIO, Marcos C; BÔAS, Gláucia V. Ideais de Modernidade e Sociologia no Brasil. Porto Alegre, RS: UFRGS, 1999.p. 39-48.
- CONSORTE, J. Itinerário de uma pesquisadora: sucesso e percalços. In: MAGALHÃES, Livia D. R; CASIMIRO, Ana Palmira S. (org) Memória e Trajetória de Pesquisa. Campo Grande, MS: UNIDERP, 2005. p. 57-78.
- DURHAM, Eunice R. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth (Org.). A aventura antropológica: teoria e pesquisa. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. p. 17-37.
- HARRIS, M. *Town & Country in Brazil* : a sócio-anthropological study of a small Brazilian town. New York, EUA: The Norton Library, 1956. 307 p.
- KERGOAT, D. Divisão Sexual do Trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, H.(org) Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: UNESP, 2009. p.67-68.
- MATOS, I. Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- MARX, K; ENGELS, F. A ideologia alemã. Tradução de R. Enderle, N. Schneider e L.C. Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.
- PROST, Antoine. O trabalho. In: PROST, Antoine; VICENT, Gérard. (org). História da Vida Privada, 5. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.21-39.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Tradução: SOS Corpo. Recife-PE, 1989.
- SORJ, B. Trabalho Remunerado e Trabalho não-remunerado. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, M.; OLIVEIRA, S. (org). A mulher brasileira nos espaços públicos e privado. SP: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 107-110.
- SOUZA-LOBO, Elisabeth. A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência. SP: Brasiliense,1991.
- PEREIRA, G. Athayde. Minas do Rio das Contas. [s.l.: s.n], 1940. Simon Mayo (s/d).
- POTENGY, G; PAIVA, V. Gênero, trabalho doméstico e espaço privado como fonte de produção de mercadorias e serviços. Contemporaneidade e Educação, n.6, p.106-119 1999.